

A responsabilidade da psicanálise com os “novos sintomas”

*Claudia Domingues
Marilene Cambeiro**

Como falar das questões relativas às mudanças subjetivas contemporâneas, às novas produções sintomáticas do sujeito, aos novos obstáculos para o desejo de saber, sem tocar no núcleo resistente às mudanças na cultura patriarcal? Como falar dos resíduos dessa cultura no novo papel que o homem precisará ocupar inevitavelmente? Como não tocar no tema delicado da liberação sexual e profissional da mulher e no novo papel que ela passou a ocupar na família? Como não considerar a desagregação familiar a partir, principalmente, dos novos tempos de globalização e capitalismo?

Ao não se tocar nesses temas tão radicais e essenciais, evita-se o mal-estar decorrente da discussão e exposição dessas causas tão importantes para as mudanças ocorridas na vida afetiva do sujeito na cultura. A cultura não quer saber das causas¹?

* Claudia Domingues: aluna do ICP; Marilene Cambeiro: correspondente da EBP-Rio, aluna do ICP, responsável pelo laboratório “Intervenção significativa na escola” do CIEN-Rio, Doutora em Letras Vernáculas (UFRJ).

¹ A articulação com o “declínio da função paterna” pôde ser expresso no contexto da prática educativa, por meio do relato de uma professora em laboratório do CIEN que, ao retornar à sala de aula depois de oito anos de afastamento, propõe a uma turma de adolescentes com dificuldades de aprendizagem, em escola da rede pública, que falem sobre o pai (próximo ao dia dos pais). Surpreendida, ela obtém quase apenas respostas negativas: “Que pai?”, “Eu não tenho pai”, “Nem sei do meu pai” (entre outras referências bem mais chocantes). Esse exemplo marca uma evidência observável nas novas configurações familiares: a ausência do “pai da realidade”, que se articula, mas não se confunde com a função paterna como tal, pois o que nos interessa aqui é a ausência do pai no próprio discurso das crianças.

Neste trabalho não buscaremos soluções, mas reflexões advindas de leituras já realizadas sobre os efeitos provocados por essas mudanças, na perspectiva da produção de novos sintomas do sujeito e da cultura, assim como da impossibilidade de se obter uma resposta universalizante. “Não estamos mais na época da díade ‘problemas-soluções’. Estamos mais às voltas com um real em jogo na formação do psicanalista e na transmissão de seu discurso na civilização”.²

Na medida em que o mal-estar é parte da cultura e da sociedade contemporâneas, as inquietações e os problemas psicológicos humanos adquirem um aspecto histórico e, por isso, se atualizam continuamente, manifestando-se sob a forma de novos sintomas, como é o caso da anorexia, da bulimia, da toxicomania, da depressão, do pânico, do déficit de aprendizagem, entre outros³. Assim, a psicanálise se depara cada vez mais com sintomas formados para além do recalque. Consideramos aqui, principalmente, a toxicomania.

Os novos sintomas e o ideal de felicidade

O fenômeno da toxicomania nos dias atuais pode ser visto como “o efeito da oferta de mercado e o efeito de um avanço do saber científico-tecnológico (produção industrial da substância droga)”⁴. Uma clínica que possa lidar com esse fenômeno em vias de sintomatizá-lo precisa considerar o que advém para além do recalque, mais a passagem ao ato do que o retorno do recalcado.

A pergunta que se impõe à psicanálise, portanto, é como lidar, no contexto atual, com os novos sintomas e como ser eficiente com efeitos terapêuticos na clínica contemporânea. A resposta pela via freudiana é que “a vida, tal como a

² LAURENT, É. Discurso de candidatura de Eric Laurent para a função de Delegado geral 2006-2008. *RedeVeredas AMP*, julho de 2006.

³ RECALCATI, M. “A questão preliminar na época do Outro que não existe”. Em: *Latusa Digital* nº 7, ano 01, junho de 2004.

⁴ *Idem, ibidem*.

encontramos, é árdua demais”, ela nos proporciona “sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis”, e para suportá-la “não podemos dispensar medidas paliativas” ou “construções auxiliares”.⁵

Cada civilização oferece modelos padronizados e fixos para os sujeitos atenderem suas reivindicações pulsionais, sendo assim, a cultura define o perfil de gozos toleráveis socialmente. Hoje, a cultura declaradamente capitalista determina a submissão do sujeito ao imperativo do consumo. A globalização do consumo impôs a produção em massa de objetos, que são formas de gozo, próteses que se tornaram necessárias para o sujeito civilizado. Daí pode-se inferir que as novas formas sintomáticas da toxicomania, da anorexia, da bulimia, da adição ao computador, da depressão são, enfim, expressões atuais do mal-estar na cultura.

Nessa ótica, todos são consumidores e ao mesmo tempo objetos de consumo. O uso de medicamentos largamente difundido, principalmente de antidepressivos e estimulantes sexuais, mascara cada vez mais as questões da subjetividade. O ideal de felicidade que a droga instaura traz consigo consequências graves em curto prazo: suicídios e violência crescentes no lugar da investigação das causas. O medicamento é econômico para os planos de saúde e desculpabilizante para a família: mascara as causas, liberando o sujeito e a família da angústia e da responsabilidade, mascara os sintomas aparentes, proporcionando um eterno sorriso. O sujeito descarrega sua agressividade – antes dirigida ao eu pelo Outro tirânico ou por sua ausência – no gozo inconsciente da irresponsabilidade e na passagem direta ao ato. Assim, ele obedece ao imperativo: goza!⁶ Atribui a culpa que o deprime a um bode expiatório fora da constelação familiar: a biologia explica tudo. Cabe dizer que não se trata de o medicamento ser desnecessário: é evidente que ele

⁵ FREUD, S. “O mal-estar na civilização” (1929). Em: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, vol XXI, 1996.

⁶ LAURENT, É., MILLER, J.-A. “O Outro que não existe e seus comitês de ética”. Em: *Curinga* nº 12. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – Minas Gerais, set. 1998, p. 11.

salva a vida de sujeitos vítimas da depressão, que sem eles não resistiriam a um tratamento psicológico que não tem efeito tão rápido.

O novo paradigma do gozo na contemporaneidade

Falar sobre os novos sintomas é falar também do lugar que o gozo ocupa na produção do sujeito contemporâneo, quando se dá o declínio da autoridade e do Nome-do-Pai, para a referência aos nomes do pai ou a “prescindir do pai para servir-se dele”: Há uma mudança de paradigma do sujeito em relação a seu modo de gozo. Não se considera mais, como na constituição do sujeito clássico, um Outro regulador do gozo: a substituição do significante materno pelo significante referido como Nome-do-Pai condensador do gozo, que exerce a função simbólica e a garantia da causa do desejo do sujeito em sua singularidade. O paradigma do sujeito contemporâneo é o “Outro não existe”.⁷

Partindo desse pressuposto, a psicanálise de orientação lacaniana busca servir-se do Nome-do-Pai para dar conta do excesso de gozo que, sem o UM regulador, resulta em fixações sintomáticas grupais por meio de identificações horizontais. Essa forma de identificação, não ao UM verticalmente, mas ao grupo semelhante, aparentemente, pacifica o sujeito, liberando-o da responsabilidade com a “solução” medicamentosa.

Quando a autoridade declina e não há mais a possibilidade do UM (ideal) é possível resgatar a responsabilidade do sujeito? No caso do ideal a um líder, a garantia do desejo e a delimitação do gozo se dão pela transmissão da tradição patriarcal. E quando não há mais essa garantia?

Os novos sintomas e os grupos identitários

⁷ *Idem, ibidem.*

Lacan, em "Nota sobre a criança"⁸, refere-se às marcas primeiras – míticas – de recobrimento do desamparo do homem frente à natureza, por meio de um ser protetor divino – o Pai. Também aos efeitos que surgem quando esse paradigma é alterado pelas mudanças culturais e familiares com suas funções de recobrimento, pois resta sempre um resíduo. Quando não se leva em conta a presença desse resíduo, a presença, cada vez maior, na cultura de grupos identitários em comunidades ou na internet e o aumento da segregação confirmam essas "profecias" .

Da observação e da pesquisa sobre a composição dos grupos identitários surgem direções novas para se pensar as dificuldades encontradas pelo psicanalista em seu trabalho clínico. Cristina Duba⁹ assinala a mudança de paradigma do grupo vertical composto por UM líder (com a regulação ideal do gozo pelo Pai) para a composição identificatória e horizontal (contratos parciais, comunitários) que não atende às reivindicações singulares¹⁰. Ela sublinha que Lacan propõe, a partir da experiência inglesa de Bion em época de guerra, a identificação horizontalizante sem o líder e com a possibilidade de formação de grupo por meio da atribuição de uma tarefa comum ao grupo, conforme o modelo de pequenos grupos de cartel. Perguntamos então: poderia o grupo assim formado funcionar como um modo de fazer o sujeito responsabilizar-se por seu gozo, por seu inimigo íntimo, por seu próprio estranho?

Assim, com relação às identificações sintomáticas identitárias, horizontais, a psicanálise opera por intermédio da busca de construção de um sintoma singular, justamente ali onde a diferença foi anulada. Em outras palavras, a

⁸ LACAN, J. "Nota sobre a criança". Em: *Outros escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

⁹ DUBA, C. "Os sapatos e as batatas: 'A psiquiatria inglesa e a guerra', de Jacques Lacan". Em: *Psicanálise na Favela*. Rio de Janeiro: Associação Diga-aí Maré, 2008.

¹⁰ LACAN, J. *O seminário, livro 17: o avesso da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992, p. 146. "É justamente o que apreendemos no discurso psicanalítico – o Um unificante, o Um-tudo – não é disso que se trata na identificação. A identificação-pivô, a identificação-mor, é o traço unário, é o ser marcado como UM".

psicanálise trabalha no sentido de responsabilizar o sujeito por sua diferença, por meio da afirmação da sua singularidade. O trabalho com pequenos grupos na educação escolar (onde o trabalho em laboratórios do CIEN é exemplar), ou no atendimento ambulatorial e hospitalar, nos casos de toxicomanias, pode favorecer a singularização dos sujeitos.

Para concluir: servir-se do Nome-do-Pai

Em *A sociedade do sintoma*, Éric Laurent sustenta que o analista deve acreditar no sintoma: “encontrar a forma de endereçar-se à angústia do sujeito é fazê-lo entender que os sintomas inéditos em nossa civilização são legíveis”¹¹. Ele afirma que vivemos em uma época na qual o próprio Nome-do-Pai é um sintoma e que o analista deve esforçar-se para lê-lo. Isso permitiria uma reconstrução singular da subjetividade, fundamentada na delimitação do gozo e responsabilização pelo sujeito pela identificação do sintoma, ou pela extração de um significante que fure o gozo do sujeito e o faça reinventar sua história.

No tratamento dos novos sintomas, o analista se situa a partir do princípio “servir-se do Pai”. Isso permite que o sujeito se relacione com o não-sabido, com o estranho, com o gozo excessivo do Outro ou com sua inexistência, facilitando a divisão subjetiva. A psicanálise busca, assim, levar o sujeito a descobrir novos modos e possibilidades, não só de gozo, mas de convivência humana.

¹¹ LAURENT, É. *A Sociedade do Sintoma: a psicanálise, hoje*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007.

